

ENTREVISTA: THAUMATURGO SOTERO VAZ

À espera da guerra

Ao passar para a reserva, o militar diz que a Amazônia corre o risco de ser invadida por estrangeiros e que o Brasil precisa da bomba atômica

POLICARPO JUNIOR

Desde o fim do regime militar, o Brasil perdeu o hábito de ouvir a dissertação dos militares linha-dura, mas eles não desapareceram. Na semana passada, um exemplar típico dessa família, o general-de-brigada Thaumaturgo Sotero Vaz, 59 anos, foi para a reserva falando grosso. Thaumaturgo notabilizou-se no ano passado por armar uma treta com o secretário nacional do Meio Ambiente, José Lutzenberger, na qual ambos se xingaram de "babaca", por defenderem linhas opostas em relação à devastação da Amazônia. Mas Thaumaturgo sempre foi conhecido entre seus colegas de farda por seu radicalismo. Em 1982, egresso do CIE, o Centro de Informações do Exército, foi convidado pelo então (e atual) governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, para ocupar bionicamente a prefeitura de Manaus, mas teve seu nome vetado pelo SNI. A comunidade de informações o considerou na época radical demais — sua nomeação seria um risco ao processo de abertura.

Na segunda-feira da semana passada, numa solenidade em Manaus, com a presença do ministro do Exército, Carlos Tinoco, do delegado Romeu Tuma e de Mestrinho, Thaumaturgo passou seu cargo de chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, o segundo posto na hierarquia da região, para o general Ariel Pereira da Fonseca, de perfil mais moderado. Desde então, a tropa de Thaumaturgo foi reduzida a 37 integrantes — a mulher, sete filhas, dezesseis cães e treze passaros.

"Quem pensa que se livrou de mim está muito enganado", avisa porém o general,



"Em nome da lealdade aos meus princípios e superiores no Exército, já engoli muitos sapos na Amazônia"

PAULO JARES

um brigão de 1,65 metro de altura. "Agora tenho mais liberdade para defender minhas idéias." Na quarta-feira, com apenas dois dias na reserva, Thaumaturgo recebeu VEJA em sua pequena, mas confortável, casa em Manaus para uma longa entrevista, na qual se mergulha na mente de um típico exemplar da linha dura, que está longe de ser uma exceção e que tem coragem suficiente para dizer tudo o que pensa.

VEJA — Recentemente, o secretário nacional do Meio Ambiente, José Lutzenberger, chamou-o de "babaca", numa polêmica que ficou famosa. O senhor se ofendeu?

THAUMATURGO — A sociedade está hoje tão modificada que todo homem que preserva valores tradicionais acaba sendo classificado de "babaca". Eu sou um deles, portanto. Minha carreira militar foi

pautada pela disciplina. Minha maior virtude é a lealdade aos meus princípios e aos meus superiores. Em nome dessa lealdade já engoli alguns sapos aqui na Amazônia. O governo decidiu demarcar as terras dos ianomamis e explodir as pistas onde pouavam os aviões dos garimpeiros, por exemplo. Apesar de não concordar, engoli esses sapos, e o Exército colaborou nessas operações.

VEJA — Qual a sua opinião sobre Lutzenberger?

THAUMATURGO — Ele defendeu algo inadmissível. Sugeriu que todas as decisões na área do meio ambiente atendessem aos anseios dos países estrangeiros ou então passassem por seus crivos. Trata-se de uma interferência em nossos assun-

tos internos que não posso admitir. Lutzenberger representa no Brasil os interesses da Gaia Foundation, uma espécie de oligarquia ecológica anglo-americana. Essa organização defende uma nova ordem ecológica internacional. No entanto, seus dirigentes são pessoas completamente comprometidas com a destruição do meio ambiente. Um deles, por exemplo, é sir John Hurvey-Jones, ex-presidente de uma indústria química britânica, a ICI, uma das principais responsáveis pelo buraco da camada de ozônio. Essa entidade também mantém, entre seus dirigentes, membros que defendem a soberania restrita dos países que têm áreas de interesse ecológico. Além disso, a Gaia Foundation atua nos Estados Unidos em conjunto com uma entidade chamada Lucis Trust, que mantém vínculos com a Organização das Nações Unidas. E aí reside a razão de nossa preocupação.

VEJA — É o que a ONU tem a ver com isso?

THAUMATURGO — Os americanos invadiram Granada, entraram no Panamá para prender um presidente e uniram metade do mundo contra Saddam Hussein. Tudo em nome de uma suposta justiça e ordem mundial. Da Organização das Nações Unidas, a ONU, os Estados Unidos receberam suporte para todas essas operações de guerra. Imagine que amanhã se diga por aí que os brasileiros estão massacrando o povo ianomami. Em nome dos direitos humanos, quem garante que tropas estrangeiras não vão ocupar a Amazônia ou declarar a independência do Estado ianomami? O Brasil ficaria sem um território maior que Portugal. E tudo certamente com o apoio da ONU.

VEJA — Esse não é um temor exagerado?

THAUMATURGO — Não, muito pelo contrário. Talvez a resposta possa vir da Nicarágua. Há pouco tempo, autoridades militares conversaram com o comandante Daniel Ortega, que ficou surpreso com a situação brasileira. Ele disse que a Nicarágua enfrentou o mesmo problema ao criar uma reserva indígena na fronteira do país com Honduras. Desde então a ONU passou a patrocinar a independência do território, apoiada por dezenas de grupos ecológicos do mundo todo. Só que, se o plano for esse, é bom seus mentores tirem o cavalo da chuva.

VEJA — Por quê?

THAUMATURGO — Se for preciso, eu e, com certeza, um grupo muito grande de patriotas pegaremos em armas para defender o nosso território. Numa eventual guerra, o treinamento dos militares brasileiros e o conhecimento que temos da selva nos tornam superiores. Na selva, a guerra é no corpo a corpo e de nada adianta a tecnologia.

VEJA — O senhor considera a guerra amazônica uma possibilidade real?

THAUMATURGO — Nada é improvável depois da queda do Muro de Berlim. Quem garante que amanhã não vai aparecer um maluco dizendo que a Amazônia pertence ao mundo? E há várias formas de se tomar a Amazônia. A mais branda vem através de pressões internacionais de falsos ecologistas, algo a que estamos assistindo agora. Há quem pense em tentar ocupá-la alegando que se trata de uma rota importante no tráfico de drogas, como aconteceu na Bolívia. A opção mais radical seria uma invasão militar, uma guerra. Não podemos descartar essa possibilidade, apenas porque preferimos a paz.

VEJA — O senhor vê na Rio 92 um braço desse criativo plano de ocupação da Amazônia?

THAUMATURGO — Em primeiro lugar, a conferência mundial sobre meio ambiente tratará principalmente da Amazônia e, portanto, está sendo planejada para ocorrer na cidade errada. Ela vai servir apenas para promover o Rio de Janeiro e dar prestígio ao governador Leonel Brizola. Sabemos que se tentará condenar o Brasil pela forma como ele administra sua floresta. E o que é pior, até agora não temos notícia de ninguém da região ter sido convidado para participar do evento. Daí o nosso temor, a nossa preocupação. Contamos apenas com o bom senso do presidente Collor e de seus auxiliares e esperamos que, por favor, nos defendam.

"Imagine que amanhã se diga por aí que nós estamos massacrando os ianomamis. Em nome dos direitos humanos, quem garante que tropas estrangeiras não vão ocupar a Amazônia ou declarar a independência do Estado ianomami? O Brasil ficaria sem um território do tamanho de Portugal. E tudo com apoio da ONU"

VEJA — Nunca lhe passou pela cabeça que os países desenvolvidos estivessem realmente preocupados com a preservação da Amazônia e não em ocupá-la militarmente?

THAUMATURGO — Ingenuidade. Não existe esse negócio de destruição da floresta. Isso é balela. Pode ser até que, no meio dessa discussão, existam pessoas realmente interessadas na preservação da floresta. Os países ricos, no entanto, estão usando tal argumento para colocar em prática seus interesses econômicos. Quem não conhece a Amazônia não tem noção do potencial econômico da região. Há um pesado jogo de interesses por trás de alguns pseudo-ecologistas. A maior parte das malocas dos índios ianomamis está plantada sobre enormes jazidas de minérios. Minérios impor-

tares para o mundo como a cassiterita, ouro, diamante, nióbio, molibdênio e urânio. Os países ricos querem manter algumas áreas inexploradas para mais tarde fazer uso delas quando suas reservas minerais se esgotarem. É por isso que existem os defensores da tal soberania limitada. O próprio chanceler da Alemanha, Helmut Kohl, disse que os países que formam o chamado Grupo dos Sete precisam fazer um acordo com o governo brasileiro para que se estabeleçam normas sobre a administração da Amazônia.

VEJA — Se Collor decretou a demarcação da reserva ianomami, ele também faz parte dessa maquinaria internacional?

THAUMATURGO — A área ainda não foi demarcada.

VEJA — Isso que dizer que o processo ainda pode ser revertido?

THAUMATURGO — O presidente tomou a decisão que, no momento, parece ser a mais conveniente em função da Rio 92.

VEJA — O senhor está dizendo que o decreto assinado pelo presidente Collor pode ser modificado tão logo termine a Rio 92?

THAUMATURGO — Conhecendo o espírito de brasilidade do presidente, acredito que sim.

VEJA — O senhor não acha que os índios merecem uma reserva?

THAUMATURGO — É claro que temos que proteger os índios. O que está errado é a forma como os antropólogos de chopinho querem fazer. No caso dos ianomamis há estudos de antropólogos sérios que colocam em dúvida o fato de eles realmente serem nômades. Se isso for verdade, por que então eles precisariam de uma área de 9,4 milhões de hectares, e ainda fazendo fronteira com a Venezuela? O tema ainda não foi abordado com profundidade.

VEJA — Ser alvo da atenção mundial atrapalha o desenvolvimento da região?

THAUMATURGO — Não há dúvida. Basta ver a questão da BR-364. O presidente George Bush, sob a égide do ambientalismo, impediu que o Japão liberasse um financiamento para a construção da rodovia que ligaria o Acre ao Peru. Alegou que a rodovia traria prejuízos irreparáveis à Floresta Amazônica. Na verdade, Bush estava apenas defendendo seus próprios interesses comerciais. Com a rodovia, os excedentes de produção brasileiros chegariam à Ásia a preços muito mais baixos que os americanos. Eles iriam perder esse mercado. Usam o preservacionismo para conservar seus

lucros. Este capitalismo selvagem é o verdadeiro problema do planeta.

VEJA — E que saída o senhor defende para a Amazônia?

THAUMATURGO — Defendo o desenvolvimento auto-sustentado. Pode-se montar um sistema rígido de fiscalização que permita a exploração da madeira, dos minérios, da pesca e da caça, sem ser predatória.

VEJA — O senhor acredita que a segurança da Amazônia é o maior problema brasileiro?

THAUMATURGO — A corrupção é nosso maior problema. A gente vê corrupção a toda hora. Parece um câncer, uma ferida. A corrupção hoje está chegando a um nível tal que pode ser comparada à traição. Traição ao povo brasileiro que paga impostos, que sofre na fila do banco para receber uma aposentadoria miserável. Nós temos que tomar medidas jurídicas e policiais para tentar coibi-la. O presidente Collor reage a todas as denúncias, manda apurar, mas ninguém vê o corrupto na cadeia. Não sou um farsante para negar que nos governos militares não havia corrupção. Mas o que assistimos hoje nos causa muita indignação.

VEJA — O senhor não fica também indignado com a tentativa do Exército de comprar uniformes superfaturados?

THAUMATURGO — Não existiu nenhum crime naquela tomada de preços. Pode ser até que haja corrupção no Exército, mas nesse caso não houve qualquer irregularidade. Quem lida com compras sabe disso. As empresas apresentaram suas propostas sem saber quando iriam receber pelo serviço e embutiram uma previsão de inflação. Acho que a denúncia tentava atingir a Força e não consigo entender o motivo. Principalmente sabendo de onde partiu a denúncia.

VEJA — O senhor está se referindo ao jornal O Globo?

THAUMATURGO — A insistência do jornal em provar que havia irregularidades chamou muito minha atenção. O senhor Roberto Marinho (dono das Organizações Globo) sempre foi muito simpático às Forças Armadas, principalmente quando ele começou a montar seu império. Acho engraçado ele e seu jornal tentarem posar de moralistas, quando sabemos que a criação da Rede Globo, associada ao sistema Time-Life, sempre obedeceu a caminhos estranhos e muito tráfico de influências dentro dos governos militares.

VEJA — O senhor é um linha-dura, um bateu-levou?

VEJA, 22 DE JANEIRO, 1992

THAUMATURGO — Sou um liberal-democrata.

VEJA — É verdade que o senhor admira o general Pinochet?

THAUMATURGO — Todo mundo fala que Pinochet é um ditador — e só. Esquecem que ele colocou o Chile numa posição invejável em termos econômicos. Ele acabou com a inflação. Eu o admiro como chefe militar. Isso não quer dizer que o Brasil precise de um Pinochet. Se o projeto do ex-presidente Castello Branco tivesse se concluído, o poder já teria sido devolvido aos civis há muito tempo e o Brasil hoje poderia estar melhor. Os militares não deveriam ter continuado no poder. Mesmo assim, admiro muito os generais Medici e Figueiredo. Já Costa e Silva foi o avalista

“Todo mundo fala que Pinochet é um ditador — e só. Esquecem que ele colocou o Chile numa posição invejável em termos econômicos. Eu o admiro como chefe militar. Se o projeto do ex-presidente Castello Branco tivesse se concluído, o poder teria sido devolvido aos civis há muito tempo e hoje o Brasil poderia estar melhor”

da corrupção nos governos militares, mas prefiro não entrar em detalhes em respeito à imagem de alguém que já morreu. Quanto a Geisel, não o admiro por questões pessoais. Posso dizer apenas que admirava muito o general Sylvio Frota e ele foi injustiçado.

VEJA — Não é estranho para um liberal-democrata admirar o general Medici, dono de um governo que patrocinou a tortura?

THAUMATURGO — O general Medici governou numa fase extremamente difícil. Ele tinha que lutar contra a subversão e o terrorismo. Eu mesmo fui ameaçado de morte várias vezes e meus filhos tinham que andar com segurança. Era uma guerra.

VEJA — Mas mesmo numa guerra tortura de presos é crime.

THAUMATURGO — Talvez fosse aquele o único meio de obter informações com presteza. Hoje, todo mundo vai à igreja e reza, mas se esquece da Inquisição promovida na Idade Média. Sabe-se que também foi uma fase da Igreja e não decidimos condená-la para a eternidade. É preciso entender que aquilo foi um momento. Vivíamos um período de contragolpe a um golpe que estava armado para a criação de uma república sindical. Hoje, o Brasil atingiu um grau de politização que impede acontecimentos como os de 1964. As Forças Armadas têm um pensamento diferente. Não há espaço para conspiração ou quarteladas. O destino do país está nas urnas.

VEJA — A crise econômica não pode mudar esse pensamento das Forças Armadas?

THAUMATURGO — Apóio o governo Collor e acho que ele está fazendo o melhor para o Brasil. Só teria uma observação a fazer. Não podemos admitir receitas anti-inflacionárias que nos coloquem numa posição subserviente. E tenho percebido sinais claros de que estamos aceitando receitas impostas por este ou aquele órgão, como o FMI, que estão indo contra a vontade do povo. Não adianta conter a inflação à custa da fome e do desemprego porque uma hora alguém atira a primeira pedra e aí será tarde demais.

VEJA — Tarde demais para quê?

THAUMATURGO — A política econômica do governo está fazendo a inflação cair, mas ao mesmo tempo está provocando o arrocho e o desemprego. Estamos perto do limite e é bem provável que registremos situação de rebelião. Podemos estar caminhando para a ocorrência de distúrbios. Em Manaus, por exemplo, já há registro de saques de supermercados.

VEJA — Se a mentalidade é outra, não é hora de repensar o papel das Forças Armadas?

THAUMATURGO — Eu acho graça disso. Primeiro, as Forças Armadas detêm uma parcela inexpressiva do Orçamento Geral da União. Depois, não se deve esquecer um país soberano não pode viver sem Exército. Um episódio como aquele ocorrido às margens do Rio Traíra é didático. Garimpeiros venezuelanos estavam invadindo, armados, nosso território e até mataram soldados brasileiros. A quem poderíamos recorrer nessa hora se não aos militares? Fomos lá e demos uma lição naqueles garimpeiros, que nunca mais osaram entrar em terras brasileiras. O Brasil, além do Exército, deveria ter também sua bomba atômica.